Resenha:

Vivendo no fim dos tempos, de Slavoj Zizek

Rodrigo Oliveira Fonseca¹

Como escapar das terríveis mentiras que “espontaneamente” vivemos em nosso cotidiano? Se a maioria silenciosa de hoje não é estúpida, mas cínica e resignada, será possível superar a estranha lacuna entre o que ela pensa e o que ela faz? Seu lema poderia ser: “OK, sabemos que estamos no fim dos tempos, mas... vamos em frente!” A crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do sistema e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais, nada disso encontra a menor resposta no quadro atual dos poderes globais. E seguimos em frente.

São algumas das questões que o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Zizek desenvolve em *Vivendo no fim dos tempos* (Boitempo, 2012). Uma de suas maiores e mais notáveis proezas é nos oferecer uma escrita que instiga e convoca a pensar com Lacan, Hegel e Marx, sem que para isso tenha de se saber lacanês, tenha de se ter intimidades com “o Espírito” em seu processo dialético ou seja fundamental ser membro do Partido.

“Há uma grande desordem sob o céu, a situação é excelente”.

Ao contrário do que possa sugerir seu título, o livro não é atravessado por um tom apocalíptico, chega a mostrar otimismo, ao lado de um senso de responsabilidade política e desafio intelectual – características de toda a obra do autor. Sem banalizar o desafio de superar o fim dos tempos, nos alerta para a necessidade de passarmos pelo ritual do luto, encarando os seus traumas e o seu vazio substancial como oportunidades que não devem ser perdidas. E cita Mao Tsé-Tung: Há uma grande desordem sob o céu, a situação é excelente. A tradução disso seria que a inconsistência do grande Outro, desse Céu que nos cobre (e nos cobra), abre espaço para o verdadeiro ato revolucionário, que transforma os parâmetros e o nosso posicionamento no mundo.

O grande mote e elemento estruturador de *Vivendo no fim dos tempos* são os cinco estágios característicos do luto segundo o entendimento da psicóloga suíça Elisabeth Kübler-Ross: 1) Negação – *isto não pode estar acontecendo, não comigo*; 2) Raiva – *como isto foi acontecer comigo?*; 3) Barganha – *deixe-me viver pelo menos até meus filhos se formarem...*; 4) Depressão – *vou morrer, então por que me preocupar?*; 5) Aceitação – *já que não posso lutar contra isto, é melhor me preparar*.

Estes estágios apareceriam em qualquer tipo de perda pessoal catastrófica, da perda de um emprego à de um ente querido, não necessariamente nessa ordem e sem que todos eles sejam sempre vividos. Para Zizek estariam aí as cinco grandes posturas da atual cena (pós) política global, tomando a última, a da Aceitação, como oportunidade ímpar de um recomeço.

O comunismo morreu. Viva o comunismo!

O que, afinal, ocorreu com o comunismo? Um sistema político que apele para a bondade e para o altruísmo das pessoas está condenado a produzir o terror? O filósofo esloveno recusa as simples ressalvas antidogmáticas que, quase como um pedido de desculpas, afirmam

1 Mestre em História pela PUC-RJ, Doutor em Letras pela UFRGS, Pesquisador Associado da UNEB e bolsista de Desenvolvimento Científico Regional da Fapesb/CNPq.

que em cada caso as circunstâncias concretas têm de ser consideradas – então falharam as *condições objetivas*, era o contexto que estava errado? Tampouco acha suficiente a consideração de que uma má aplicação não desqualifica a idéia do comunismo – então eram as *condições subjetivas*, foram os sujeitos que não souberam fazer? Para ele, as realizações imperfeitas e catastróficas do comunismo comprovam a “contradição íntima” no seu âmago.

Trabalhando a dialética hegeliana contra as vulgatas correntes – como seguirá fazendo com maior fôlego em *Menos que Nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético* (Boitempo, 2013) – Slavoj Žižek nos mostra que é somente a partir daquele fracasso que o comunismo se torna (hoje) viável. O mesmo raciocínio pode ser extraído do direito de se divorciar tal como ele foi defendido pelo jovem Marx: o divórcio é legítimo por um efeito retroativo que permite situar um problema no ponto de partida. O casamento tem de ser anulado não porque acabou o amor, as coisas mudam etc., mas porque isso *nunca foi um casamento de verdade*. Assim, também os impasses percebidos na URSS durante o longo período Brejnev (1964-1982) não deveriam ser lidos como “o potencial socialista foi esgotado”, “estagnou por não se adaptar aos novos tempos” etc., mas de que havia um beco sem saída histórico desde o princípio².

Vemos por estas vias (bachelardianas?) que só o gesto “errado” cria as condições subjetivas que possibilitam identificar o “erro”. Mas o processo dialético vai além dessa identificação, afinal os erros não são eliminados, mas supressumidos na verdade final, preservados como momentos dentro dela. Nós é que devemos nos reposicionar em relação a eles, aceitando-os do modo como são.

Passados mais de vinte anos da queda dos regimes comunistas do Leste europeu, talvez ainda não tenhamos nos dado conta de seus significados. Muitos ex-comunistas voltaram ao poder do Estado e se mantiveram no controle de empresas, como proprietários e gerentes. Lech Walesa, herói sindicalista da Polônia (e da formação do Partido dos Trabalhadores no Brasil), tornou-se mais impopular que o general Jaruzelski, que o precedeu na presidência do país e adotou a lei marcial para combater o movimento operário. O filósofo esloveno, que viveu intensamente aquela conjuntura de explosões massivas e incertezas – chegando a ser candidato à presidência de seu país em 1990 – afirma que os manifestantes que foram às ruas para derrubar aqueles regimes não exigiam *capitalismo*, e sim “segurança social, solidariedade, algum tipo de justiça; [...] a liberdade de viver sua vida fora do alcance do controle estatal; [...] uma vida de honestidade e franqueza simples, livre da primitiva doutrinação ideológica e da cínica hipocrisia predominante” (p. 11). Queriam, enfim, um “socialismo com rosto humano”. Mas estamos distantes daquela agenda, ainda que as suas imagens mudas sejam comemoradas todos os anos.

A tolerância liberal e a raiva teológica

O principal fator de *Negação* do fim dos tempos seria o obscurecimento ideológico e o diversionismo produzido pelos liberais, como no superestimado debate francês acerca da proibição ou não do uso da burca, quando somente uma pequena minoria das mulheres islâmicas no país faz uso da vestimenta.

2 Esse paralelismo entre casamento e comunismo nos lembra outro ponto, trabalhado por Michel Pêcheux (em *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 5a ed., 2008): o velho marxista acreditava estar equipado de parafusos celibatários, quando em verdade só tinha roscas, sem porcas. Achando bastar-se a si mesmo, seus feitos não se sustentavam, estavam sempre se desfazendo, e ainda assim recusava todas as porcas que lhe ofereciam: fenomenológicas, estruturalistas, desconstrutivistas... Diz Pêcheux que os marxistas atuais (ele fala em 1983), ou pelo menos os marxistas universitários que se prezam, procuram casar-se, ou contrair relações extraconjugais... Será esta uma abordagem complementar à de Žižek (que aparentemente está muito bem casado com Lacan)? Ou seja, além de problemas de partida, de origem, haverá também “problemas de relação”?

No discurso de aceitar as pessoas “como elas são” (egoístas e invejosas, como intimamente creem os liberais) e de conceber a si mesmo como promotor de uma “política do mal menor”, o que o liberalismo de fato promove é a indiferença pelo próximo e o silêncio quanto à necessidade de transformação das próprias coordenadas políticas. Arma-se uma infinita “luta contra a discriminação” que adia para todo o sempre o seu ponto final, o de uma sociedade livre de todos os preconceitos morais, ao mesmo tempo em que se projeta uma sociedade condenada a ver crimes e incorreções em tudo.

Temos assim a raiva fundamentalista, não como contraponto, mas como *complemento* gerado pelo “mundo livre e tolerante” com sua utopia liberal. Como escreve Zizek, “quando os Estados Unidos intervêm no Iraque para provocar uma democracia secular e o resultado é o fortalecimento dos fundamentalistas religiosos e um papel muito mais forte do Irã, isso não é um erro trágico de um agente honesto, mas um caso de um trapaceiro cínico que acaba preso no próprio jogo” (p. 298).

As religiões podem desempenhar um papel importante na repolitização da política desde que se livrem dos fanatismos. Para Zizek o apego do fanático à sua Causa não passaria de uma expressão desesperada de dúvida e incerteza, e como bom hegeliano, ele entende que o sujeito verdadeiramente dedicado a uma causa regula sua fidelidade eterna por meio de questionamentos e traições incessantes.

Marxismo, psicanálise e a busca refinada pelos “sinais vindos do futuro”

Coerente com essa visão, o filósofo questiona o marxismo em pontos como a noção clássica de revolução proletária e a própria teoria da exploração diante da ascensão do trabalho intelectual – sendo oportuno reparar o seu silêncio quanto ao regime de mais-valia relativa, que assegura o aumento da produtividade através de mecanismos “suaves”, exaurindo e explorando em *intensidade*.

No rol de autores como o português João Bernardo³, Slavoj Zizek identifica e defende um “Marx não marxista”, sem “cortes epistemológicos”, mas com uma atenção crítica diante de fatores como a tendência tecnocrata (despolitizante) na visão do comunismo como uma sociedade em que o processo de produção é dominado pelo “intelecto geral”.

Quanto à psicanálise, o autor analisa novas formas de patologia subjetiva, o sujeito pós-traumático (incompreendido por Freud) que sobrevive à sua “morte” sem ser capaz de fantasiar e integrar o trauma. Numa época “desencantada” como a nossa, a violência extrema é vivida de modo muito mais direto, como intromissões sem sentido *do real*, o que Zizek entende no quadro de uma nova proletarização, inimaginável por Marx, pois de natureza “interior”, reveladora do aspecto mais puro da ideia de *cogito* cartesiano – seu grau zero, doloroso e perturbador.

Sendo o *cogito* cartesiano a superposição entre *pensar* e *ser*, um “proletariado libidinal” poderia representar a oportunidade de superação do cinismo a que nos referimos no início? Livre da substância dominante do medo, suspendendo a sua eficácia ideológica, teríamos assim um sujeito potencialmente capaz de apropriar-se das suas condições de vida.

Mas Zizek apela para que os meios usados para atingir fins sociais emancipadores exibam estes mesmos fins, manifestando-os, “do contrário corremos o risco de acabar na infame ‘dialética’ stalinista de violência e não violência em que o Estado ‘murcha’ fortalecendo-se (principalmente fortalecendo os órgãos de controle e opressão)” (p. 282).

3 Autor de obras como *Marx crítico de Marx* (Porto: Afrontamento, 1977, 3v.) e *Economia dos Conflitos Sociais* (São Paulo: Expressão Popular, 2009).

Nesse sentido, a questão que se põe é a de como reintroduzir o antagonismo radical no campo democrático. A resposta que o autor dá é “ditadura do proletariado”, no sentido de um processo de mobilização e auto-organização do povo *indiferente* à democracia formal/institucional, e sem espaço para qualquer reabilitação do populismo. “O mínimo que podemos fazer é procurar rastros do novo coletivo comunista em movimentos sociais já existentes ou mesmo na imaginação artística. [...] é preciso fazer uma busca refinada pelos “sinais vindos do futuro”, pelos rastros desse novo questionamento radical do sistema” (p. 253).

Fazendo-nos atravessar toda a conjuntura mundial em busca de tais rastros e também de muitos nós, confrontamos análises as mais diversificadas e desconcertantes: vamos dos porões da Áustria (o caso do sujeito que manteve a filha em cárcere privado e teve sete filhos com ela) à desintegração do Congo (como a guerra étnica esconde a exploração global); dos acertos entre os novos capitalistas chineses e a direção do Partido Comunista à defesa feita por Confúcio de uma ordem social harmoniosa, sem abismos entre as palavras e as coisas, doutrina esta combatida entre os séculos V e III a.C. pelos “legalistas” chineses, uma espécie de maquiavélicos *avant la lettre* que viram nesses abismos excelentes oportunidades para fortalecer o poder estatal.

Enfim, por caminhos que mais uma vez passam pelo cinema e pelas artes em geral, Slavoj Žižek se firma como um intelectual de fôlego, engajado na busca dos sinais de um porvir que nos obriga a dar passos arriscados... para trás.